

CHEER UM DOCUMENTÁRIO MEMORIALÍSTICO PARA PENSAR AS RELAÇÕES DE PODER E GÊNERO NO ESPORTE

CHEER A MEMORIALISTIC DOCUMENTARY TO THINK ABOUT POWER AND GENDER RELATIONS IN SPORT

Viviane da Silva ¹

Resumo

O artigo analisa como se dão as disputas de memória acerca dos relatos presentes nas introduções das duas temporadas da série documental *Cheer*, lançada em 2020 pela Netflix, abordando questões de gênero e relações de poder presentes no esporte. Compreendemos que a atração se configura como um produto memorialístico e, por esse motivo, a análise do material é feita com base nos relatos de memória presentes na produção. São acionados conceitos como memória, lugar de memória e disputas de memórias, além de acionar discussão sobre gênero e relações de poder para a análise discursiva dos relatos presentes nas duas temporadas. A partir disso, identificamos pela análise de conteúdo e análise da materialidade audiovisual as disputas de sentidos, as controvérsias e os atravessamentos de outras memórias que extrapolam o roteiro, possibilitando uma arena de novas disputas acerca da memória sobre *cheerleading* e a série.

Palavras-chave

Cheerleading; produtos memorialísticos; gênero; relações de poder.

Abstract

The article aims to analyze how memory disputes unfold regarding the accounts presented in the introductions of the two seasons of the documentary series *Cheer*, released in 2020 by Netflix. It delves into issues of gender and power relations within the context of sports. We understand that the series functions as a memorial product, and therefore, the analysis is based on the memory narratives present in the production. Concepts such as memory, sites of memory, and memory disputes are invoked, alongside discussions on gender and power relations, to conduct a discursive analysis of the narratives across both seasons. Through content analysis and examination of audiovisual materiality, we identify clashes of meaning, controversies, and intersections with other memories that go beyond the scripted content, creating a space for new debates about the memory surrounding cheerleading and the series.

Keywords

Cheerleading; memorial products; gender; power relations.

¹ Mestre em Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), silvaviviane.1995@gmail.com, <https://orcid.org/0009-0009-5420-8724>, <https://lattes.cnpq.br/4198652651408807>.

Introdução

O *Cheerleading* é um esporte de origem estadunidense, que remonta ao século XVIII. Em sua origem, era praticado exclusivamente por homens, inclusive Franklin D. Roosevelt, 32º presidente dos Estados Unidos, foi líder de torcida na turma de 1903 da faculdade. Segundo Hanson (1995), o esporte começou como uma cultura desportiva universitária e, com o passar do tempo, tornou-se altamente estruturado. A imagem acerca do *cheerleading* também mudou; antes, o esporte era visto como um lugar de habilidade masculina e passou a ser visto como trivial, que enfatiza os corpos das mulheres, além de não exigir habilidades e grandes acrobacias (Hanson, 1995, p. 4). Ainda que o esporte seja misto, é visto, essencialmente, como feminino.

Apesar da grande quantidade de competições pelo mundo, de ter sido reconhecido pelo Comitê Olímpico Internacional como oficialmente esporte em 2016 e contar com 16 mil participantes na União Internacional de *Cheerleaders*, conforme noticiado pelo site do *Globo Esporte*², o *cheerleading* ainda permanece no imaginário coletivo como um esporte secundário, à sombra de outros como o basquete e o futebol americano, e muito atrelado à imagem hollywoodiana da superficialidade e da popularidade apresentadas nos filmes.

É nesse contexto que foi lançada, em 2020, uma série documental intitulada como *Cheer*, produção exclusiva da plataforma de *streaming Netflix*, que busca mostrar a realidade do esporte de *cheerleading*. A série exhibe os treinos intensos de equipes para competição de nível universitário *National Cheer Game*, realizada todos os anos em Daytona Beach – Flórida/EUA.

A produção possui duas temporadas com características diferentes. A primeira acompanha a rotina da equipe da Universidade Navarro, localizada em Corsicana, Texas/EUA, que é comandada pela treinadora Monica Aldama. A segunda temporada divide as atenções para acompanhar também a equipe rival da Faculdade Trinity Valley, localizada em Atenas, no Condado de Henderson/EUA, e comandada pelo treinador Vontae Johnson.

O documentário conta com estratégias diversas para construir uma narrativa acerca do *cheerleading*: além das filmagens dos treinos e entrevistas com os participantes, aprofunda-se nas relações e vidas pessoais, utilizando-se, muitas vezes, de relatos de memória da vida dos treinadores principais e narrativas pessoais de alguns integrantes. Essas táticas utilizadas no documentário o configuram como um produto memorialístico. Ele coordena memórias individuais e coletivas para compor uma memória sobre o *cheerleading*. Essas memórias, evidentemente, estão em um terreno de disputas, ao compreendemos as discussões de Pollak (1992), pois existe um imaginário sobre o que é o esporte e a vontade dos atletas em provar as habilidades e o nível de dificuldade do *cheerleading*.

Cheer é uma obra que pode ser analisada como um produto memorialístico a fim de compreender como certos temas são abordados e como se dão as disputas de

² Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2016/12/rumo-olimpiada-uniao-internacional-de-cheerleaders-e-incorporada-ao-coi.html>. Acesso em: 7 jul. 2023.

sentido acerca dos relatos de memória presentes na produção. Por esse motivo, buscamos investigar, neste artigo, como se dão as relações de gênero e de poder na série. O objetivo principal dos relatos de memória presentes é firmar uma memória coletiva sobre o *cheerleading* enquanto esporte.

Para construir a análise, nosso artigo é dividido em quatro tópicos: 1. Um produto memorialístico chamado *Cheer*, ao qual acionamos as discussões de Halbwachs (1990) sobre memória, Nora (1993) sobre lugares de memória e Pollak (1992) sobre disputas de sentidos acerca da memória e identidade, para compreender nosso objeto enquanto produto memorialístico, que se configura como lugar de memória para os personagens da série; 2. As relações de gênero e as relações de poder no *cheerleading*, acionamos as reflexões de Scott (1995) sobre a definição de gênero e Mühlen e Goellner (2012) e Toffoletti (2016) para discutirmos como as representações de feminilidade aparecem na série e Santos (1995) sobre o *cheerleading* e as relações de poder e a violência escancaradas no esporte, que acomete, principalmente, mulheres e menores de idade; 3. Escolhas metodológicas e apontamentos da análise, em que abordamos nosso recorte e caminhos metodológicos para análise do objeto e apresentamos os resultados obtidos; 4. Conclusões finais, nas quais fazemos nossas observações sobre a série, com base nas discussões de gênero e poder, compreendendo como as disputas de sentido atravessam os relatos de memória presentes em *Cheer*.

Um produto memorialístico chamado *Cheer*

Cheer é uma produção que constrói um documentário com base em memórias individuais e coletivas sobre o *cheerleading* e, especificamente, sobre a rotina de duas equipes que buscam competir a nível universitário. Partimos do entendimento de que as memórias individuais, segundo Halbwachs (1990), são pontos de vista de uma memória coletiva, inserida em um contexto de um grupo. As lembranças dos sujeitos participantes dessa memória coletiva são preenchidas pela vida social, pelo contexto e pelas experiências partilhadas.

Desse modo, Halbwachs entende que a memória apenas permanece viva na presença de pontos de contato dos grupos que partilham dessa consciência coletiva. As memórias individuais dos personagens de *Cheer* são pontos de vista de uma memória coletiva acerca do contexto em que vivem as equipes de *cheerleading* e do esporte, de uma forma geral.

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum (Halbwachs, 1990, p. 34).

Apesar das definições clássicas trazidas por Halbwachs serem fundamentais para nos ajudar a situar o que é a memória e de que memória coletiva estamos falando,

ressaltamos críticas feitas ao sociólogo sob o aspecto de que ele não chegou a tratar, em suas reflexões, sobre as tensões sociais e disputas de sentido que ocorrem acerca da memória coletiva.

Como criticado por autores como Pollak (1992), as memórias estão suscetíveis às disputas pelos sujeitos e coletivos. Nessa arena de disputas, surgem agenciamentos das memórias que podem buscar, por exemplo, a instituição de lugares de memória, descrito por Nora (1993) como lugares simbólicos que servem para proteger as memórias.

A série, ao trazer relatos de memórias de indivíduos pertencentes ao grupo específico, pode ser entendida como agenciamento, em relação aos personagens que são apresentados e pelos relatos que são transformados em narrativas testemunhais do roteiro. Os lugares de memória, segundo Pierre Nora (1993), são objetos, lugares ou acontecimentos revestidos de aura simbólica, de rastros de memórias dos quais os sujeitos buscam conservar lembranças, com medo de que elas se percam. Essa situação, de acordo com Nora (1993), ocorre pela força destruidora da história, mas também pela globalização, que permitiu aos indivíduos registrarem massivamente os acontecimentos vividos.

Esses lugares de memória precisam conter um chamado à lembrança e abarcar uma função. No caso do documentário *Cheer*, a maneira como as lembranças dos integrantes são acionadas e como eles se envolvem no processo dão um caráter simbólico à produção. A série está em um jogo de memórias e história, tentando cristalizar uma lembrança e uma vivência de poucos que buscam falar da vivência de muitos, se considerarmos as definições de Pierre Nora (1993, p. 22).

Halbwachs (1990) também discute a importância dos lugares na produção das memórias coletivas, os sujeitos acionam suas lembranças em uma relação muito próxima de onde elas ocorrem, nossas vivências acontecem em meio a contextos e lugares que frequentamos. A respeito disso:

Assim, não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem, uma à outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço – aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se ficar, para que apareça esta ou aquela categoria de lembranças (Halbwachs, 1990, p. 143).

As memórias não estão alocadas em um lugar estático, não estão definidas, pois participam continuamente de disputas de sentidos nos campos individuais e coletivos, de sujeitos e grupos que pretendem criar uma memória oficial. Pollak (1992), ao falar sobre as disputas da memória e da criação de uma identidade, defende que a memória “é um fenômeno construído” (Pollak, 1992, p. 4), sendo um trabalho de organização de

memórias dos sujeitos e grupos aos quais eles participam e de memórias herdadas pelo sentimento de identidade, como no caso do *cheerleading*, em que as equipes apresentadas pelo documentário estão inseridas no contexto do esporte.

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros (Pollak, 1992, p. 5).

Quando Pollak aborda a construção da identidade, ele entende que uma das características essenciais é a unidade física, que são as fronteiras de pertencimento a um grupo, também importantes para constituição da memória (Pollak, 1992, p. 4-5). A faculdade à qual a equipe de *cheerleading* está vinculada é fundamental para constituição de uma identidade para os sujeitos que dela participam. É aquela instituição que esses alunos e treinadores representam e, de certo modo, defendem.

Isso é essencial, pois, assim, compreendemos que as memórias acionadas em torno do *cheerleading* em *Cheer* estão relacionadas às identidades locais desses grupos. A série deixa bem visível o quanto a equipe está acima, muitas vezes, até da saúde física dos integrantes, eles estão unidos para um só propósito e seus relatos de memória acompanham esse sentimento.

As relações de gênero e as relações de poder no cheerleading

O roteiro de *Cheer* reflete um aspecto interessante sobre o esporte *cheerleading*: um espaço considerado, essencialmente, feminino, mesmo que seja uma modalidade a qual abarca homens e mulheres. Essa característica marcante do esporte está ligada às mudanças ocorridas desde sua criação, como descritas por Hanson (1995), de um esporte que deixa de pertencer aos homens para se tornar um espaço feminino.

Essa virada na forma do esporte acontecer ocasionou uma mudança no tocante à posição dos homens que voltam a praticar o esporte: o preconceito e a discriminação. Percebemos isso nos relatos dos personagens de *Cheer* Jerry Harris e La'Darius Marshall, que relatam o preconceito sofrido por performarem coreografias de dança, que são tidas como femininas (Netflix, 2020).

Quando falamos sobre as funções desempenhadas por homens e mulheres, comumente encontramos diversas discussões sobre os papéis de gênero. Segundo Scott (1995), os estudos sobre sexo e sexualidade utilizam a palavra "gênero" para distinguir as práticas sexuais dos papéis que são separados para homens e mulheres.

Entre as discussões sobre gênero, Scott (1995) debate, de forma geral, que as feministas contemporâneas incorporaram a palavra com a intenção de enfatizar a ausência de teorias que demonstram as desigualdades persistentes entre os sexos. A autora entende que gênero é como algo constitutivo das relações sociais alocadas nas

diferenças entre os sexos e está ligada, primariamente, às relações de poder (Scott, 1995, p. 11-13).

A atual posição do *cheerleading* proporciona uma reflexão sobre como o esporte não é visto como uma modalidade de risco e performance física, para ser visto como algo social que promove a manutenção do sentimento patriota de quem acompanha as competições de esportes como futebol americano e basquete. Além disso, a atenção é deslocada para os corpos que performam. Hanson (1995) menciona, em seu livro, os padrões estéticos que foram incorporados ao longo do tempo no esporte e exemplifica que uma das cobranças para ser uma líder de torcida era o cabelo loiro, sendo natural ou falsificado, o que remete aos estereótipos e às cobranças comuns às mulheres na vivência com a aparência no esporte.

O corpo, nas mudanças do *cheerleading*, ganha foco no tocante à performance de acrobacias mais ousadas, o que exige das atletas mulheres muito mais do que a graciosidade descrita por Hanson (1995). No entanto, o ideal feminino de corpo esbarra na limitação de não ser musculoso demais. Como dito por Adelman (2003), "novos padrões que desembocam na atual ênfase no fitness [...] O corpo feminino 'ideal' é magro e firme, embora não 'musculoso demais'" (Adelman, 2003, p. 448).

Mühlen e Goellner (2012) falam sobre a importância da feminilidade em algumas modalidades, como vôlei, e discutem acerca das atletas usam roupas coladas, assim como ocorre no *cheerleading*. Isso não aconteceria em todos os esportes, pois, segundo as pesquisas, o corpo da mulher de modalidades que não apresenta fragilidade, delicadeza e beleza acaba por ser silenciado.

O *cheerleading* é um esporte que permite a manutenção de um corpo pouco musculoso e, conseqüentemente, promove a conservação desses estereótipos. Segundo Hanson (1995), a cultura do *cheerleading* é sobre ser um lugar que representa a nação, um elemento fundamental da cultura americana, que se traduziria na maneira como esses atletas performam: sorrindo e mostrando leveza, mas que para mulheres é adicionado o fator da beleza e graciosidade.

Essas características de valores do serviço à comunidade e ao patriotismo que são pregadas para o esporte não dão conta de conter outro aspecto do esporte: as violências que não estão apenas ligadas às diferenças entre homens e mulheres, mas também às posições de poder que colocam em vulnerabilidade os atletas mais jovens. A primeira temporada de *Cheer* conseguiu fechar um roteiro narrativo de sucesso, que conquistou o público. No entanto, todo sucesso e boa fama que estavam recebendo foram ofuscados por um escândalo envolvendo um dos integrantes (Uol, 2021), o *cheerleader* Jerry Harris, que foi acusado e sentenciado à prisão pelo crime de abuso de menores e de pedofilia³.

A equipe da Faculdade Navarro, logo após o lançamento da série, foi convidada a participar de diversas campanhas publicitárias e entrevistas, como no programa da Ellen DeGeneres, apresentadora americana que comanda o programa *The Ellen DeGeneres*

3 Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2021/02/06/famosos-por-serie-da-netflix-atores-sao-presos-por-abuso-de-menores.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 18 jun. 2023

Show (Rearick, 2020). Nessa mesma atração, a modelo Kendall Jenner, famosa mundialmente, foi convidada a receber um treino especial com a equipe da Faculdade Navarro, tendo até usado o uniforme da equipe, e o *cheerleader* Jerry Harris entrevistou famosos no tapete vermelho do Oscar pelo mesmo programa⁴. Além disso, a treinadora Monica Aldama recebeu um convite para participar do programa de competições de dança *Dancing with the Stars*.

A notícia sobre a denúncia de abuso de menores e pedofilia teve grande repercussão pela própria posição que o integrante Jerry ocupava no time: o queridinho da série, por sua animação e espírito de equipe. Sua imagem também era muito atrelada à superação, Harris foi um dos integrantes que teve sua vida pessoal relatada na primeira temporada, todo o contexto de sua história e atuação nos treinos o impulsionaram como uma referência.

Segundo Silva e Rubio (2003), a superação é uma característica comum nos depoimentos de atletas, o esporte é um mecanismo que retira sujeitos da condição de vulnerabilidade e, por esse motivo, ficam marcados nos relatos. Essa imagem de superação não é nenhuma novidade na temática esportiva, mas a série consegue transmitir outros sentimentos além da superação, como a incerteza sobre o futuro desses jovens, principalmente, pelos desfechos programados ou não da produção documental.

Esse contexto de crime em *Cheer* promove uma ruptura do objetivo da série e escancara outro lado do esporte, que não é apenas um acontecimento do *cheerleading*, mas de muitas outras modalidades: as violências cometidas contra mulheres e menores e que, muitas vezes, estão em um contexto de vulnerabilidade pelas relações de poder. Quando buscamos informações sobre a série, são notícias sobre os crimes e desdobramentos que aparecem majoritariamente. O jornal online *The Dallas Morning News* publicou uma matéria⁵, em abril de 2023, para apresentar as controvérsias em torno de *Cheer*. É uma mudança significativa do lugar que a série passa a ocupar no imaginário coletivo, ainda mais quando novos relatos de outras violências vão sendo descobertos e publicados.

Segundo matéria da CNN (Rosenbloom, 2023), publicada em abril de 2023, a treinadora Monica Aldama foi acusada por uma ex-integrante da equipe de tentar manter em segredo denúncias de crime sexual. A ex-membro entrou com ação federal contra a treinadora, alegando que ela tentou desencorajá-la a formalizar a denúncia. Ainda de acordo com a jovem, violências como essas e outras são cometidas por veteranos da equipe de Navarro. Esse novo contexto da série abre diversas reflexões que extrapolam o *cheerleading*.

A modalidade esportiva ginástica artística, por exemplo, é marcada pela quantidade inimaginável de abusos sexuais nos últimos anos. Matéria do *Globo Esportes* (Assis, 2018), descreve que um médico da seleção de ginástica americana, Larry Nassar, foi acusado, em 2011, de ter molestado mais de 300 ginastas e, no Brasil, uma investigação apontou que 42 ginastas confirmaram ter sido vítimas pelo técnico Fernando de Carva-

4 Disponível em: <https://www.teenvogue.com/story/kendall-jenner-cheer-ellen>. Acesso em: 7 jul. 2023.

5 Disponível em: <https://www.dallasnews.com/news/texas/2023/04/28/a-look-at-how-the-netflix-series-cheer-and-its-many-controversies-unfolded/>. Acesso em: 7 jul. 2023.

Iho Lopes⁶. O que esses crimes têm em comum são as posições, sempre ocupadas por treinadores e outros profissionais, de um lugar de poder.

Os crimes envolvendo os três atletas da equipe da Faculdade de Navarro e a treinadora, somados a tantos outros relatos no esporte, trazem à tona como a falta de um debate público sobre as relações de poder no esporte contribuem para a manutenção de violências e vulnerabilidades. Santos (1995) conceitua a violência como um dispositivo de poder, pois “exerce uma relação específica com o outro, mediante o uso da força e da coerção [...] um dispositivo, que produz dano social, ou seja, uma relação que atinge o outro com algum tipo de dano”

O poder sozinho pressupõe uma possibilidade de negociação, mas, quando aliado à violência, chega a outras dimensões, sendo precedida sempre por uma violência simbólica (Santos, 1995, p. 290). O poder e as posições ocupadas pelos integrantes da equipe de Navarro que cometeram os crimes, provavelmente, foram empregadas como uma arma importante por eles. Entendemos isso pelos próprios relatos dados pela ex-integrante e pelas vítimas de Jerry.

As discussões sobre violência e poder, feitas por Lourenço (2003), também nos ajudam a compreender como essas questões estão presentes no esporte, principalmente, sobre a acusação feita contra a treinadora Monica Aldama. Para Lourenço (2003), a Revolução Industrial teve um importante papel para que o esporte ganhasse outras dimensões e que as explorações e violências advindas desse período mudassem o alicerce do esporte. O contexto político e social, além dos contornos econômicos, molda essa vontade de vencer acima de outras características do esporte, a competitividade advinda da globalização elevou o esporte de modo que não há espaço para amadorismo (Lourenço, 2003, p. 147).

Esse amadorismo é, muitas vezes, ocupado por posturas de vale de tudo, desde que se atinja o resultado, que é vencer. Podemos observar isso em alguns momentos da série sobre a conduta dos treinadores com os integrantes, que os forçam em treinos exaustivos, não respeitando o corpo e as limitações. Além disso, o relato sobre a atitude de Monica Aldama em querer manter os atletas em silêncio para proteger o time, a qualquer custo, mostra uma tentativa de não prejudicar a imagem do time e nem das competições. As motivações podem ter naturezas diversas, como no caso das outras acusações de abuso, mas o estrago físico, mental e emocional causados por essas repetidas violências, das mais diversas formas, são igualmente irreparáveis.

As vítimas de Jerry, ao trazerem seus testemunhos na segunda temporada, falam sobre o medo de contar à mãe sobre as violências que sofreram, pois temiam que ela denunciasse e que, com isso, recebessem hostilidade dos amigos da equipe de *cheerleading* e de outras pessoas, por conta da fama e status que Jerry ocupava (Netflix, 2020). O poder do *cheerleader* tinha grande impacto na maneira como as vítimas lidavam com a situação. A mãe, Kristen, relata que os filhos não queriam denunciar porque eles não gostariam de ser as pessoas que teriam denunciado Jerry, que estariam, de algum modo

6 Disponível em: <https://interativos.ge.globo.com/ginastica-artistica/abuso-na-ginastica/especial/escandalo-na-ginastica>. Acesso em: 7 jul. 2023.

prejudicando a imagem do *cheerleading*, que havia feito coisas boas para essa imagem (Netflix, 2020).

As pressões do esporte também provocaram nos atletas um medo de seguir adiante com as denúncias, só depois de um tempo considerável e a rede de apoio que conseguiram, o que também manteve uma série de situações traumáticas. Segundo eles, foi arrancado o senso de comunidade, pela reação negativa e de descrédito que muitos colegas receberam a notícia da acusação.

As instituições *Cheer Athletics Plano*, ginásio em que Jerry treinava, e a Federação do All Star dos Estados Unidos não responderam às denúncias da mãe das vítimas, o que configura como uma participação dessas entidades na manutenção das violências sofridas. Foram necessários outros caminhos para que houvesse suporte às vítimas. Esses relatos mostram o quanto essas organizações esportivas lidam mal com a violência. A Federação do All Star dos Estados Unidos acumula outras denúncias de crimes que não foram devidamente tratadas e reportadas formalmente à polícia, conforme depoimento dado no próprio documentário por duas repórteres investigativas: Tricia Nadolny e Marisa Kwiatkowski, que fizeram uma reportagem sobre o caso do médico Larry Nassar, condenado por abuso de menores.

Os relatos que apareceram ao longo da segunda temporada escancaram as violências, muitas vezes silenciosas, que os atletas desses esportes vêm sofrendo e como as relações de poder entre veteranos, treinadores e instituições promovem a manutenção e endossamento dessas violências. Além disso, esses relatos memorialísticos mostram como o agenciamento de memórias é permeado por conflitos e disputas, que, muitas vezes, não podem ser excluídas do processo de construção de uma memória oficial. As violências descritas confrontam a produção memorialística da primeira temporada de *Cheer*, que a popularizou positivamente, como nos EUA e nos países em que a *Netflix* opera.

Escolhas metodológicas e apontamos da análise

Pela natureza do documentário e o volume de entrevistas, optamos por apresentar análise das introduções do primeiro episódio de abertura das duas temporadas, de modo a realizar um comparativo de abordagens, decorrentes dos acontecimentos após o lançamento da primeira temporada (acusações de abuso e pedofilia). A justificativa principal é que a introdução de uma série é parte importante que conduz o espectador a compreender o conteúdo daquela produção e as principais abordagens, é como um resumo do que se espera dessas produções.

Para realizar essa análise, optamos por uma metodologia de pesquisa que nos ajudasse a identificar quais são os pontos de contato desses relatos que constroem uma memória coletiva sobre o *cheerleading*. A análise de conteúdo, segundo Martino (2018), é uma metodologia que permite olhar para o texto identificando o que está menos óbvio, buscando compreender os significados das mensagens. No entanto, a natureza de um documentário nos exige, também, compreender para além do texto (as

falas dos entrevistados) e observar outros elementos tão importantes quanto, que são: o conteúdo sonoro, as imagens capturadas e editadas, as mudanças de frames e os enquadramentos.

Todos os aspectos audiovisuais presentes em *Cheer* podem ser observados por meio da complementação da metodologia conforme as discussões metodológicas de Emerim, Coutinho e Finger (2023), que adotam a análise da materialidade audiovisual, utilizando fichas de leitura, produzidas a partir de eixos e itens/categorias de avaliação. Essa metodologia, defendida por Emerim, Coutinho e Finger, emprega a análise de conteúdo como parte importante para compreensão das vozes de um material audiovisual.

Importante destacar que as duas temporadas foram assistidas em sua totalidade duas vezes para que a análise da introdução recuperasse elementos de destaque ao longo da produção. Foram identificadas em nossa análise inicial o tempo de introdução de quatro minutos para o episódio "1 – Deus abençoou o Texas", da primeira temporada, e três minutos e vinte segundos para o episódio "1 – Todo mundo tem esperança", da segunda temporada.

A partir disso, foi feita uma transcrição das falas dos entrevistados, que foram classificadas segundo as posições que cada um deles ocupa no time e/ou na faculdade de Navarro. Desse modo, foi possível identificar que, na primeira temporada, a introdução contou com oito falas, sendo que cinco eram de líderes de torcida da equipe e três de treinadores e assistentes. Já a segunda temporada teve apenas duas falas da treinadora Monica Aldama, que ocuparam toda a introdução.

Tabela 1 – Categorias de entrevistados

Código	Categoria	1ª Temporada		2ª Temporada	
		Entrevistados	Quantidade de falas	Entrevistados	Quantidade de falas
1	Líderes de torcida da equipe	Gabi Butler	1	-	0
		Morgan Simianer	1		
		Lexi Brumback	1		
		La'Darius Marshall	1		
		Jerry Harris	1		
2	Treinadores/ assistentes	Monica Aldama	1	Monica Aldama	2
		Billy Smith	1		
		Andy Cosferent	1		

Fonte: Elaborada pela autora

Com base nos resultados obtidos na primeira observação dos materiais, criamos um quadro de análise com quatro eixos avaliativos e, em cada um deles, com perguntas que fizemos aos nossos objetos. No primeiro eixo nomeado como "Personagens: que lugar eles ocupam na série?", elaboramos a pergunta "Quem são os personagens de Cheer e quais são suas posições no time?", para compreender quem são entrevistados e que posições ocupam na série e na equipe. Já no segundo eixo nomeado como "As memórias acionadas", criamos as perguntas "Qual a imagem predominante desses sujeitos com o esporte? E com o time?", "Qual a predominância de relatos de memória:

positivos ou negativos?” e “Identifica-se críticas à organização do time?”, a fim de analisar como os entrevistados apresentam suas perspectivas sobre o esporte e o time de Navarro. No terceiro eixo “Fotografias e vídeo”, desenvolvemos a pergunta “Quais são as imagens que compõem as entrevistas?”, buscando identificar as intencionalidades na composição das imagens em relação aos relatos. Por fim, o último eixo “Gênero e violência, o esporte e suas fragilidades”, temos as perguntas “Observa-se relatos de violências sofridas pelos entrevistados ou observadas por eles?” e “Observa-se relatos sobre feminilidade, estereótipos e objetificação do corpo?”, com o objetivo de evocar reflexões sobre como os relatos falam sobre os papéis desempenhados por homens e mulheres nos times e como eles expressam essas questões, além da aparição de elementos que indiquem pressões do esporte e violências ligadas à manutenção do poder.

Tabela 2 - Quadro de análise

Eixos avaliativos	Perguntas
Personagens: que lugar eles ocupam na série?	Quem são os personagens de <i>Cheer</i> /e quais são suas posições no time?
As memórias acionadas	Qual a imagem predominante desses sujeitos com o esporte? E com o time?
	Qual a predominância de relatos de memória: positivos ou negativos?
	Identificam-se críticas à organização do time?
Fotografias e vídeo	Quais são as imagens que compõem as entrevistas?
Gênero e violência, o esporte e suas fragilidades	Observam-se relatos de violências sofridas pelos entrevistados ou observadas por eles?
	Observam-se relatos sobre feminilidade, estereótipos e objetificação do corpo?

Fonte: Elaborada pela autora

Ao responder às perguntas elaboradas no nosso quadro de análise, observamos que a proposta de *Cheer* é reafirmar o *cheerleading* como esporte. Assim, é natural que apareçam elementos comuns ao universo do esporte, como a imagem predominante de superação. Por esse motivo, na introdução da primeira temporada, os relatos dos líderes de torcida, alunos da Universidade Navarro, mencionam seu passado complicado e que o esporte foi um caminho para superação de dificuldades, como é o caso de Lexi Brumback, que diz “Eu nem teria chegado aqui, provavelmente, estaria na cadeia.” (Netflix, 2020). A treinadora Monica reforça esse aspecto do time, de pessoas que vêm de contextos difíceis, ao declarar que “Há muitos jovens de família desestruturada ou passados complicados. Às vezes, chegam até mim por este motivo. Eles me conhecem e sabem que eu posso ser um bom modelo e alguém que poderia guiá-los de volta ao bom caminho” (Netflix, 2020).

Além do aspecto da superação, discutido por Silva e Rubio (2003) como algo comum ao esporte, percebemos a importância da identidade do grupo e a performance, a complexidade e a disciplina dos atletas. Esses elementos aparecem no relato de Andy Conferent, assistente de Monica Aldama, ao falar sobre o elo entre os integrantes do time e o quanto é fundamental para a execução das séries.

A introdução reforça a dificuldade das performances por meio de imagens gravadas dos treinos, com integrantes da equipe tentando executar movimentos complexos e que mostram que todo esse trabalho ocasiona sérias lesões corporais e que, mesmo em situações de dor, os atletas optam por continuar nos treinos em respeito às rotinas e aos compromissos firmados. São todas características que buscam afastar uma memória indesejada sobre o *cheerleading*: a superficialidade e a imagem de fragilidade.

Esse lugar de memória que vai se constituindo a partir dos relatos memorialísticos sobre o esporte e os treinos são atravessados pela discussão dos estereótipos que o *cheerleading* adquiriu no contexto dos Estados Unidos. O documentário já inicia com Morgan Simianer, líder de torcida e membro da *Navarro Cheerleader*, afirmando que “Tem muitos estereótipos no *cheerleading*. As pessoas acham que somos... loiras burras. Acham que somos animadoras. ‘Vamos time!’ Coisas assim, mas nosso corpo sente muita... dor” (Netflix, 2020). Percebemos que existe uma vontade de deslocar as características que, normalmente, são atribuídas às mulheres no esporte.

Em uma cena específica da primeira temporada de *Cheer*, na qual as integrantes estão se arrumando e falando sobre um penteado, que é como rito da equipe, e muitas reclamam não gostar de fazê-lo para as competições, então, algumas mulheres e homens defendem o uso do penteado e falam que a vestimenta escolhida representa a força da mulher (Netflix, 2020). Identificamos um atravessamento de sentidos acerca do que é o papel da mulher e também das ressignificações do feminino no esporte. Kim Toffoletti (2016), ao abordar a ambiguidade da representação do feminino, discute como existe uma representação da força e da sensualidade, mas que, no final das contas, as mulheres permanecem sendo objetificadas.

Shorts curtos e apertados e *bodys* cobertos de glitter, maquiagem carregada e cabelos com penteados são códigos de vestimenta comuns ao esporte para as mulheres, mas que não condizem com a complexidade de movimentos e acrobacias exigidos. O código de vestimenta é controverso em relação às roupas confortáveis utilizadas pelos homens. Por outro lado, as performances de dança não são bem vistas para os homens da equipe, como observado em alguns relatos de La’Darius Marshall, líder de torcida, sobre os preconceitos que sofreu ao decidir sair do futebol e entrar no *cheerleading* (Netflix, 2020).

De modo geral, a série documental permanece em um conflito sobre as questões de gênero, pois ao passo que tenta superar uma visão superficial do esporte e mostrar que não é apenas uma atividade de meninas malvadas, ratifica cobranças estéticas e padrões para atletas se encaixarem no esporte. A memória coletiva buscada sobre essas questões subsiste em um conflito, diante das memórias e sentidos que são acionados pela série.

Apesar de mostrar as mudanças positivas no *cheerleading*, com as competições que valorizam acrobacias complexas e com equipes cada vez mais mistas, percebemos que mulheres e homens continuam suscetíveis aos padrões impostos, sendo que as mulheres seguem com um nível maior de cobrança e desconforto. Elas precisam se esforçar ainda mais para provarem seu valor enquanto atletas de alta performance.

Existe uma conjugação de passado, presente e futuro na série, principalmente, quando é atravessada por acontecimentos fora do roteiro na segunda temporada. A prisão de Jerry e as acusações de outros dois integrantes da equipe são acontecimentos que atravessam os relatos de memória e vão para um novo campo dos conflitos sociais. A memória de um grupo não é estática e estável porque pode sempre ser perpassada por conflitos, como discutido por Pollak (1992), ou seja, a memória acerca da primeira temporada, em relação à equipe, foi perturbada por esses crimes. Na segunda temporada, as situações de violência dentro do esporte ficam muito mais em evidência, mesmo com a ampla aceitação e repercussão que a série tinha ganhado, principalmente nos EUA.

Esse contexto se apresenta com a mudança drástica de introdução da segunda temporada: focada totalmente em Monica Aldama e sua melancolia em relação aos acontecimentos. No entanto, a fala da treinadora fica muito centrada em sua experiência pessoal com os acontecimentos, ela menciona sobre "o ódio, a negatividade, terem usado as manchetes para manchar as coisas pelas quais você trabalha... Tem sido difícil. Muito difícil". Apesar de a segunda temporada abrir espaço para relato das vítimas e apresentar as manchetes sobre o ocorrido, a introdução parece desviar a gravidade do ocorrido para o quanto a treinadora se sente prejudicada.

Reforçamos que Monica também sofreu acusações sobre omissões de violências e tentativas de silenciamento após recebimento de denúncias de integrantes do time. A introdução da série traz um enfoque muito grande no rosto da treinadora, que fala sem olhar diretamente para câmera, como se estivesse fazendo uma reflexão interna sobre os acontecimentos, com fundo musical que provoca tensão e a câmera sempre focada na expressão da treinadora.

No entanto, a posição dela na cadeira em que está sentada demonstra relaxamento, com os pés na mesa, a cena parece se opor à possibilidade de um pronunciamento oficial do ocorrido, que se espera de alguém que ocupe a posição da treinadora. É o que Santos (1995) menciona da violência como dispositivo de poder, fato reiterado nos discursos que não buscam escancarar situações como as sofridas por crianças e adolescentes nas equipes de *cheerleading*.

Sob o ponto de vista da memória, quando acionamos Pollak (1992), refletimos sobre como a natureza conflituosa no agenciamento de memórias pode ser observada em Cheer. A introdução da segunda temporada já nos revela como os relatos de memória são postos de modo a construir uma narrativa com objetivos específicos. A escolha de pôr Monica Aldama como uma das vítimas, que traz seu relato triste sobre as emoções dos últimos acontecimentos escancara o quanto produções memorialísticas podem agenciar memórias em detrimento de outras e, nesse caso, provocar distorções nos relatos de determinados grupos, que não fazem parte daquilo que entendemos como jogo de poder no esporte.

O contexto em que as duas temporadas foram lançadas influenciaram no modo como os primeiros episódios e suas introduções foram produzidos. Se a primeira temporada demonstra como vai trazer a rotina dos alunos e seu esforço de superação do

contexto de vida e do nível de dificuldade do esporte; a segunda temporada é construída expondo, a contragosto, o lado sombrio do esporte, mas sem perder de vista o interesse na manutenção da imagem de Monica Aldama, a treinadora principal da série, que ofusca a participação da Faculdade Trinity Valley, pelo treinador Vontae Johnson.

Essas motivações explicariam o modo como são apresentados os relatos iniciais, o jogo de câmera, com enfoque no rosto dos participantes, as escolhas das cenas que mostram os treinamentos e as competições oficiais e o relato de Monica, muito focado em suas emoções. Tudo isso com fundos musicais que expressam tensão, euforia e seriedade. Os relatos de memória são agenciados com outros elementos para construir uma narrativa sobre o esporte e os acontecimentos que envolvem a Universidade Navarro.

Considerações Finais

De modo geral, *Cheer* mostra-se uma série robusta em termos de material de análise sobre um produto memorialístico. Ela utiliza várias estratégias para compor uma memória oficial sobre o *cheerleading*, mostrando que veio para contestar o senso comum de um esporte para garotas colegiais que balançam pompons, são populares e más. A história pessoal dos integrantes, sempre difíceis e dramáticas, sensibiliza e coloca o *cheerleading* como um esporte que acolhe e ajuda os jovens a buscarem uma vida melhor e a construírem sonhos e um futuro diferente. Além disso, os relatos sobre a vida pessoal dos treinadores também os fortalecem como figuras importantes para o sucesso das equipes.

Os escândalos que envolveram integrantes e a treinadora da equipe de Navarro atravessaram a série e exigiram da *Netflix* um pronunciamento: trazer esses escândalos para o roteiro da segunda temporada. No entanto, em nossas análises, observamos as intencionalidades de agenciar os relatos que buscam colocar a treinadora, que também sofreu acusações recentes, como parte atingida pelos acontecimentos, como se as manchetes tivessem a atacado diretamente, prejudicando seu objetivo de mostrar o esporte. Como ela mesma diz: “A única razão pela qual eu quis e concordei em fazer a série documental era mostrar o esporte e todo o esforço que ele requer, e eu não tinha ideia de que as coisas ficariam tão loucas” (*Netflix*, 2020). Mesmo que, após essa introdução, a série tenha trazido todo o relato das vítimas, a posição de Monica parece se manter inalterada.

Esses acontecimentos reafirmam nossas discussões sobre como as memórias coletivas não são estáveis e podem ser contestadas a qualquer momento. Desse modo, são incorporados outros sentidos acerca do contexto do *cheerleading*. A intenção do documentário de mostrar o valor do *cheerleading* não é prejudicada sobre a complexidade e nível do esporte. Mas o caso de denúncia sobre Jerry Harris abre uma discussão mais ampla sobre a importância de se falar das violências que acontecem em diversas modalidades, sobre as vulnerabilidades, principalmente, de menores de idade.

Esses relatos colocados na série mostram outro lado do *cheerleading*, que possui problemas sociais e de outras ordens. Por mais que se tente apresentar apenas

relatos memorialísticos positivos e de superação, as disputas existentes na sociedade sempre podem colocar outras declarações, negativas, que vão confrontar essas memórias. Esses confrontos podem ser de diversas ordens, inclusive o que foi exposto neste artigo, a respeito de embates sobre o gênero feminino no esporte e da manutenção de violências nas relações de poder.

São esses desfechos que proporcionam maior realidade ao documentário, não são apresentados finais felizes, muito pelo contrário, a série, por fim, acaba apresentando situações catastróficas e que vão se desdobrando conforme acontecem atualizações das denúncias. Cheer é uma prova de como as memórias podem estar em confronto e se reconfigurando o tempo todo.

Referências

ADELMAN, Miriam. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 445-465, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2003000200006>. Acesso em: jun. 2023.

ASSIS, Joanna de. Escândalo na ginástica. **Globo Esporte**, 29 abr. 2018. Disponível em: <https://interativos.ge.globo.com/ginastica-artistica/abuso-na-ginastica/especial/escandalo-na-ginastica>. Acesso em: 7 jul. 2023.

BAHARI, Sarah. A look at how the Netflix series 'Cheer' and its many controversies unfolded. **The Dallas Morning News**, 28 abr. 2023. Disponível em: <https://www.dallasnews.com/news/texas/2023/04/28/a-look-at-how-the-netflix-series-cheer-and-its-many-controversies-unfolded/>. Acesso em: 18 jun. 2023.

EMERIM, Cárlica; COUTINHO, Iluska; FINGER, Cristiane (Orgs.). **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2023. (Coleção Jornalismo Audiovisual. Vol. 7).

GLOBO Esporte.com. Rumo à Olimpíada: união Internacional de cheerleaders é incorporada ao COI. **Globo Esporte**, São Paulo, 7 dez. 2016. Disponível em: <https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/2016/12/rumo-olimpiada-uniao-internacional-de-cheerleaders-e-incorporada-ao-coi.html>. Acesso em: 9 jun. 2023.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HANSON, Mary Ellen. **Go! Fight! Win! Cheerleading in American Culture**. United States: Bowling Green State; University Popular Press, 1995.

LOURENÇO, Lélío Moura. Violência no esporte: algumas perspectivas importantes nas crenças (e credences) sobre o assunto. In: BASTOS, Rogério Lustosa (Org.). **Psicologia, microrrupturas e subjetividades**. Rio de Janeiro: E-papers, 2003. p. 143-158.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de pesquisa em comunicação: projetos, ideias, práticas**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2018.

MÜHLEN, Johanna Coelho Von; GOELLNER, Silvana Vilodre. Jogos de gênero em Pequim 2008: representações de feminilidades e masculinidades (re)produzidas pelo site Terra. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 34, n. 1, p. 165-184, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32892012000100012>. Acesso em: 9 jun. 2023.

NETFLIX. **Cheer**. 2020. Disponível em: <https://www.netflix.com/title/81039393>. Acesso em: 20 jun. 2023.

NORA, P. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, n. 5, v. 10, p. 200-212, 1992.

REARICK, Lauren. Members of the “Cheer” Cast Taught Kendall Jenner a New Move on “The Ellen DeGeneres Show”. **Teen Vogue**, 30 jan. 2020. Disponível em: <https://www.teenvogue.com/story/kendall-jenner-cheer-ellen>. Acesso em: 7 jul. 2023.

ROSENBLOOM, Alli. Navarro cheerleader accuses ‘Cheer’ coach Monica Aldama of attempting to keep sexual assault claim quiet. **CNN**, 28 abr. 2023. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2023/04/28/entertainment/monica-aldama-navarro-cheerleader-lawsuit/index.html>. Acesso em: 7 jul. 2023.

SANTOS, José Vicente T. dos. A violência como dispositivo de poder. **Revista Sociedade e Estado**, v. X, n. 2, p. 281-299, 1995.

SCOTT, Joan Wallach . **Gênero: Uma categoria útil para a análise histórica**. Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1995.

SILVA, M. Lúcia; RUBIO, Katia. Superação no esporte: limites individuais ou sociais? **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 3, n. 3, p. 69-76, 2003.

TOFFOLETTI, Kim. Analyzing media representations of sportswomen – Expanding the conceptual boundaries using a postfeminist sensibility. **Sociology of Sport Journal**, v. 33, n. 3, p. 199-207, 2016.

UOL. Famosos por série da Netflix, homens são acusados de abuso de menores, **Splash**, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2021/02/06/famosos-por-serie-da-netflix-atores-sao-presos-por-abuso-de-menores.htm?cmpid=-copiaecola>. Acesso em: 18 jun. 2023.

Recebido em: 31 jan. 2024
Aprovado em: 15 abr. 2024